

O ESTADO

Interessante

TERESINA, DOMINGO, 11 DE JUNHO DE 1972

Depois dessa entrevista
com o Luiz Gonzaga a
criança já pode nascer



E. Cláudio:
-Terry Winter é
um produto falsificado

Nova literatura

O Inretromarebilismo, é uma nova corrente literária, que você precisa conhecer

Em Gente e Arte

Clarence diz que Arnaldo é o pintor promessa

Em cinema

Jari Mosil fala de Polanski, o mestre do macabro



Na página Universitária

O prof. Camilo dá as dicas

O Zum Zum

hoje vai um pouco Mariquinha e Maricota, só pra encher o saco

Ainda

tem de quebrar o Venceslau, o Rubem, o Boavista e uma entrevista supimpa com o velho Lua

Luiz Gonzaga:
-Eu já fiz até
revolução no Piauí

Atenção

Aqui

Até aqui eu cheguei. Este já é o número 9. Não sei até onde vou. Corro, sento, me ageito... mas continuo acanhado. Pode ser coisa do tempo. Já me disseram que isso passa... que todo começo é difícil... mas eu já tô pra sbortar. Tá pensando muito. São muitos socós prum socó só coçar. Bom, mas vamos ao que está aí dentro: tem o Marcos com uma curtidão no Luiz Gonzaga, o Jari Mosil falando de Polanski e outros babados de cinema, O L. Cláudio biografa o Billy Joe Thomas e desmascara o Terry Winter. O Josias Clarence profetiza o Arnaldo e diz coisas de gente e de artes. O Venceslau (depois do Pulo), ataca de Ota. O Rubem gordo tá querendo civilizar as pessoas desta terra de Antares. O A Linhares e a Rose, dão as dicas da Universidade. O Boavista volta com Os Angelitos e o F. Rodrigues lança as bases de uma nova corrente literária. Tem ainda o Zum-Zum num estilo meio diferente e quase todo escrito por um colaborador que se assina Xá do Irã, e o ponto alto deste número: um papo suado-sofrido-sorrido-chorado-curtido com Luiz Gonzaga, um d'c's reis da nossa música. Se ligue n'isso e até o outro.

Agora

Gonzaga curtido

Luiz Gonzaga, Luiz...
Gonzaga, feiño feiz.
Saudades dos tempos da areia,
Os dedos fincados no chão,
O cheiro de terra subindo
Gonzaga Luiz vai menino,
Chorando um adeus pro sertão.
Pocira de pau-de-arara,
Sanfona.. carrega no saco
Xote, maraca-u e baião
E a vida do povo, sofrida,
Suada, com cheiro de dor
Levava o coragem e a cara.
No destino de ser cantador.
Viagem censada pengu,
Luiz vai tristonho alegrar,
Outro povo, outra gente... quem
for..

As mãos calejadas adolescem,
Deslizam nas teclas... um acorde.
No f le é um mestre quem fol,
Na enxada um caboco qualquer.
Na voz nordestina que canta,
Ele conta o que ficou por lá:
A lembrança das coisas que tinha,
E a Rosinha lá do Propriá.
A asa branca nun voo de ameaça
Se arriba da terra porque,
Presentiu uma seca, desgraça,
Pois na terra não há o que beber
Assum preto dos ócos furados,
Pra cantar mais mior lhe cegaram
Ignorância ingênua do homem,
Do facão, do forró do torrado.
E o sucesso chegou de repente,
Presse cabra da peste, valente,
Cangaceiro da música, sem dó

Mas a saudade matadeira aperta-
va.
Amargava que nem mesmo jiló
E Luiz vez em quando lembrava
Duns caprichos duns óio de muié,
E então o seu íole chorava,
Da lembrança duma morena qual-
quer
E seus dedos passeavam no teclado
Como ele na estrada do Canindé.
Mas Luiz nunca se esqueceu,
Que a fama, o reinado, a coroa,
Tudo foi o baião que lhe deu.
E andou por este mundo de Deus
Pela França, Oropa e Bahia,
Mas como um bom cangaceiro vol-
tava,
À terrinha sempre que podia,
Pois nunca esqueceu de lembrar,
Que as aves que por aqui gorgel-
am,
Gorgeiam sempre melhor que as
de lá.

Mas agora o Luiz aparece,
Usando óculos e de palató
Seu sorriso entar to permanece,
Mas cadê sua dor, sua dó?
O Luiz tá transando outras coisas,
E garante que agora vai curtir.
Nós levamos um papo com ele
E contamos tudinho aqui
Esperamos que um dia ele volte
(AI, AI, A', AI) com saudades do
seu Piauí.

MARCOS IGREJA

Caderneta de Poupança Terra

Venha conversar: o assunto é capital.
Letras Imobiliárias — Caderneta de Poupança
TERRA — Cia. de Crédito Imobiliário
Papel-Dinheiro Forte com lucro certo

Segurança do BNH
Rua 13 de maio, 240-N

Teresina — Piauí

FICHA

DIRETOR — Marcos Igreja; REDATOR — Alheroni Filho; SECRETÁRIO — Arimatôa Moreira; DIAGRAMAÇÃO — Machado Neto; REVISÃO — Nelson. Este suplemento é transado neste mês de junho (as quadrilhas estão chegando) por obra e graça do Espírito Santo e a bênção dos macumbaios da terra. Tem como correspondentes o Durvalino Filho e o Pê José em Brasília, o Etim em Fortaleza, o Xico Pereira em Recife, o Zé Alencar em Belém, o R. Wilson no Estado do Rio e o Haroldo Barradas em Minas. Os colaboradores são o Antônio Linhares, o Josias Clarence, o Rubem Gordo, o Boavista, o Venceslau e o L. Cláudio. É apoiado moralmente pela Maninha, a Franco, a Fátima, a Dio, a Rosilane, a Alzira e a Rosariño. Só nos responsabilizamos por artigos assinados. Este é o número 9 e não pode ser vendido separadamente. Saravá e até a outra.

POLANSKI,

o mestre do macabro

Indicado para a Academia como melhor filme estrangeiro de 1963, "A FACA NA AGUA" revelou um cineasta que fazia da inteligência dos seus personagens motivo para análise do comportamento dos mesmos. Roman Polanski — este o cineasta — transformou um filme de quase nenhuma ação num grande sucesso de bilheteria e de crítica. O enredo baseava-se no week-end de um bem sucedido jornalista polonês, sua esposa e um caronista que apanharam na estrada ao se dirigirem ao seu luxuoso jate, onde contensões psicosssexuais potencialmente assassinas, porém sutis, se desenrolavam entre os três — e a violência mental. Quando perguntaram a Polanski porque explorou um tema de difícil assimilação, utilizando o mínimo de diálogos, ele foi reticente:

— Há um tipo de violência que fica na mente das pessoas e estas "fecham-se", não permitindo que outros o percebam. Nos três personagens da "FACA..." eu coloquei o problema da reciprocidade da violência mental: a esposa queria ser possuída pelo caronista para torturar o marido e este tinha intenções baixas, igualmente com o caronista, para provocar o sofrimento da esposa. O caronista — este o vértice do estranho triângulo, queria possuir a mulher, sim, mas depois mataria o marido...

Mas não é só a violência mental o forte de Polanski. Em "REPULSA AO SEXO" ele lança mão da insanidade para justificar um assassinato: uma bela belga (Catherine Deneuve) elimina seu pretendente sem nenhum motivo aparente. O humor negro teve a sua vez com "CUL DE SAC", terceiro filme, que conta a história de dois criminosos que se refugiam na casa de um travesti e sua noiva. O macabro veio com a "A DANÇA DOS VAMPIROS", uma paródia dos velhos filmes de horror. Mas o filme que marcou o cineasta polonês como o mestre do macabro foi "O BEBE

DE ROSEMARY", adaptação que fez da novela best-seller de Ira Levin sobre cultos de feitiçaria em Nova Iorque e que foi estrelado por Mia Farrow e John Cassavets.

Se o macabro passava a dominar as suas realizações também marcou a sua vida particular quando, no dia em que sua jovem e bela esposa Sharon Tate foi chacinada com requintes de verdadeiro festim diabólico pelo grêpo de Charles Manson, seguidores de uma seta macabra. Com Sharon também foram trucidados quatro dos seus mais íntimos amigos. O "Caso Manson" deixou marcas profundas na alma já sofrida de Polanski: aos oito anos de idade ele viu sua mãe morrer no "getto" de Krakow, de onde escapou numa perigosa e arriscada fuga.

Depois de quase dois anos de afastamento provocado pela morte de Sharon, Roman Polanski voltou às atividades, sendo "MACBETH" sua primeira realização sobre uma tragédia clássica, no caso Shakespeare. Perguntado porque o clássico, visto que seus filmes sempre abordaram temas modernos, o cineasta polonês foi claro:

Desde criança eu amo Shakespeare e quando adolescente assisti vinte vezes o "HAMLET" de Olivier. Sempre tive o desejo de fazer um filme com obra de Shakespeare e quando finalmente voltei a trabalhar, disse para mim mesmo, "isto é alguma coisa que eu gosto de fazer, isto é alguma coisa que eu posso me dar. Isto vale a pena".



Filmes da semana

O que há de melhor na semana é o nacional "A MORENINHA", de Glauco Mirko Laurelli, baseado na comédia musical de Miroel Silveira e Cláudio Petraglia, da novela de Joaquim Manoel de Machado. Segundo Casemiro de Medonça, da "Folha da Tarde", "A MORENINHA" é antes de tudo um espetáculo e, como tal, se mantém em alto nível. No CINEMA DE ARTE está programado "DOUTOR FAUSTUS", com Richard Burton e Elizabeth Taylor. A novidade desse filme com a famosa dupla é que Mr. Burton é um dos diretores. "O ENTIERRO DA CAFETINA", que fez boa carreira no Royal, volta a ser apresentado e merece ser visto. A programação completa é esta:

ROYAL —

"O CORCUNDA DE NOIRE DAME" — Hoje, amanhã e terça-feira.

"OFERECE-SE PISIOLEIRO" — Quarta e Quinta-feira

"A MORENINHA" — A partir de sexta-feira

REX —

"MATO E ASSINO BLACK" — Hoje e amanhã

"SANTO CONTRA DRACULA" — terça e quarta

"VOU VEJO E DISPARO" — quinta e sexta

"O ENTIERRO DA CAFETINA" — a partir de sábado

ESPECIAL — CINEMA DE ARTE:

"DOUTOR FAUSTUS", sábado às 10 horas, no ROYAL.

Terry Winter- o produto falsificado

A ideia de fazer gravações "estrangeiras" no Brasil não é nova; há cerca de doze anos o público consome vários discos de um saxofonista "americano" chamado Bob Fleming que não era outro senão o nosso Moacyr Silva e todos conhecem a famosa orquestra Romanícos de Cuba (que era a mesma coisa que Namorados do Caribe ou Don Pablo de Havana, de acordo com o gosto da época pelos boleros) cujos arranjos e regentes eram os brasileiríssimos Walte Blanco e Radames Gnattali. Atualmente existe em São Paulo uma fábrica especializada exclusivamente neste gênero de picaretagem — a Beverly — responsável pelo lançamento da gravação "Summer Holiday" com o cantor Terry Winter que alcançou logo os primeiros postos em vendagem graças muito mercadamente, pois trata-se de uma boa música com um excelente arranjo e uma gravação de primeira qualidade. O fato da música ser cantada em inglês e o disco ser inteiramente montado no Brasil não tira os méritos que "Summer Holiday" teve para chegar ao lugar em vendagem em meados do último mês. Mas aí entra a ficha técnica do disco, divulgada pela gravadora: Produção de Oliver Charles (deve ser Carlos de Oliveira o nome do mancebo...) engenheiro Steve Marshall, arranjos de Bill Clark, gravação "original" da New Records "representada" no Brasil pela Beverly.

QUEM É TERRY WINTER?

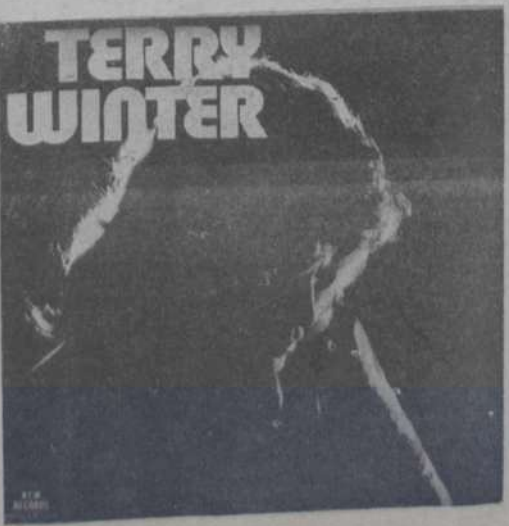
Para quem ainda não sabe, Terry Winter chama-se Thomas William Staden, tem 30 anos, filho de ingleses e nasceu em São Paulo onde reside em uma tranqüila rua do bairro de Vila Mariana. Há dois anos ele gravou com o seu verdadeiro nome uma versão para a música "Tomorrow Tomorrow" dos Bee Gees sem entretanto obter sucesso. Thomas Staden só "aconteceu" depois que adotou o nome Terry Winter e foi trabalhado pela máquina publicitária da Beverly, que mantém outras sob etiquetas com o nome de Red Bird e New Records às quais ele atribui algumas gravações "originais" que ela "representa" no Brasil. Assim sendo, falsifica-se o produto criando-se cantores e conjuntos fantasmas que imitam as gravações originais de artistas estrangeiros em dois estúdios paulistas especializados em fazer "sem original": o Scatena e o Reunidos. Músicas originais foram gravadas na Inglaterra pelo conjunto "The Sweet", por exemplo, são falsificadas nestes estúdios por um grupo denominado "The Sweet Set" (a semelhança no nome não é mera coincidência) e colocadas para concorrer com o original. O exemplo mais gritante de picaretagem deste tipo é o cantor Valdir Floriano, uma imitação descarada e de mau gosto do Waldick Soriano. Outros cantores "estrangeiros" como Dave Gordon e Bob Mickey são também criados nos estúdios da Beverly, cujo catálogo é quase que exclusivamente composto de "discos picareta". Não é que



seja errado gravar música estrangeira no Brasil ou mesmo compor músicas com letras em inglês, pois como já disse a música "Summer Holiday" é excelente, assim como o conteúdo do LP "Peace and Love" da Beverly. O que não convence é a falsificação de nomes como "The Sweet Set" e "I. Hayes Group" (não confundir com Isaac Hayes) com a pretensão de enganar o público e vender gato por lebre, assim como a fideiussória ficha técnica que acompanha o disco de Terry Winter. Sejamos picaretas, mas não tanto...

John Lennon novamente nas bocas com um espetacular compacto apresentando a música "Woman is the nigger of the world". Lennon faz-se acompanhar na gravação pelo saxofonista Crimson King.

ANOIEM—Dois excelentes compactos editados pela TOP IAFE que merecem quase desconhecidos em Teresina: "Pop Concerto" executado pela Banda Pop Concerto Show é um dos mais vendidos no sul do país, uma música alegre, de fácil assimilação e superdançante. "A Taste of Excitement" pela Carnaby St Pop Orchestra é um tremendo veludo musical para você dançar murmurando palavras doces no ouvido da namorada...



O grande destaque do último LP de Elis Regina é a composição de Tom Jobim "Águas de Março", uma verdadeira jóia musical. Esta música já foi lançada também na interpretação do autor no primeiro "Disco de Bolso" da Editora Abril.

TIM MAIA prepara-se para uma excursão pelo norte e nordeste possivelmente ainda este mês. Seu próximo LP a ser lançado pela Philips já está em fase de acabamento e uma das músicas mais badaladas chama-se "Samba do Diêtil".

Billy Joe Thomas

No momento em que B. J. Thomas comparece no mercado brasileiro com mais um LP em que vários nomes famosos colaboraram na gravação de suas faixas, seria oportuno fornecer algumas notas biográficas a respeito do cantor. Seu nome completo é Billy Joe Thomas, nascido há 29 anos em Houston, no Texas. Começou a cantar enquanto cursava a escola secundária, formando na época com alguns amigos um conjunto denominado "The Timmons". O grupo teve algum sucesso na cidade de Houston com a gravação "Lazy Man", que deu certa notoriedade ao jovem cantor, valendo-lhe mais tarde um contrato como solista para a gravadora Scepter Records. Seu primeiro disco para a nova gravadora intitulado "I'm so lonely me I could cry" chegou a vender quase um milhão de cópias e no ano de 1966 ele foi eleito pela revista especializada Billboard "O mais promissor vocalista masculino". A consagração definitiva de B. J. Thomas no cenário mundial foi a partir do dia em que o compositor Bert Bacharach o convidou para interpretar a canção do filme "Butch Cassidy". Sua gravação de "Raindrops Keep Falling on my head" vendeu mais de três milhões de cópias em todo o mundo e foi eleita "Gravação do Ano" em 1970 tendo sido também agraciada com o Oscar de "Melhor Música do Ano". A partir daí o nome de B. J. Thomas passou a ser mundialmente conhecido e seus discos vem também recebendo grande aceitação por parte do público brasileiro através da gravadora TOP IAFE, que vem colocando em nosso mercado todos os seus grandes êxitos como "Oh me Oh my", "Rocked on a Feeling", "Mighty Clouds of Joy" e acaba de lançar o presente LP onde B. J. Thomas apresenta uma excelente coleção de melodias com aquela interpretação agradável que tanto o caracteriza. A confecção deste álbum contou com a participação de grandes nomes como Carole King que compôs e executou a parte de piano de "A fine way to go", Jimmy Webb que acompanha ao piano a faixa "Song for my brother" e Stevie Wonder que executou um solo de guitarra em "Happier than the morning Sun", entre outros. O resultado foi o melhor possível, como não poderia deixar de ser e o álbum BILLY JOE THOMAS certamente acontecerá entre os melhores do ano.

A música nordestina é mais rica que a sulista

O quente era descobrir um novo som. Ai apareceu mil gente. Tinha Caetano e Gil com o tropicalismo, que representava toda essa corrente de vanguarda. Trabalhou-se, pesquisou-se ajeitou-se, traz da colônia pra ver como é que fica. Não deu em nada. Acabou tudo com a redescoberta do cançaceiro da Música Popular Brasileira: Luiz Gonzaga do Nascimento Lus, sem pesquisas, sem estudos, sem mais tranças, só com talento e raça tava sempre atual, sempre presente. Aqui também ele está presente, e diz coisas de si e da música, num papo descontraído que contou com a participação do Antônio Noronha, Alberoni Filho, Edmar Oliveira, Antônio Linhares, Jari Mosil e Marcos Igreja. Tinha também um montão de gente psquerando o papo, o Dr. Alfredo Nunes gerente da Terra, que trouxe o Lua a Teresina e os rapazes que acompanham Luiz: Toinho (Zabumba) e Januário (triângulo). Vamos lá pra ver...



MARCOS IGREJA — Luiz, o que lhe trouxe aqui desta vez, foi esse negócio de "ai, ai, ai, ai, que saudades do Piauí", ou você veio faturar?

LUÍZ GONZAGA — Bem, eu vim ao Piauí fazer uma campanha publicitária pra Terra, Caderneta de Poupança, que aqui em Teresina representa o grupo TAA.

MARCOS — Mas não tem nenhuma traxa musical?

L. GONZAGA — Eu cantei na Churrascaria Avenida e, no adeus, autografei cadernetas de poupança no escritório da Terra.

EDMAR OLIVEIRA — Luiz, e o canto jovem, como é que é?

L. GONZAGA — O canto jovem foi uma experiência. Foi uma ideia de Rildo Hora, que é o meu produtor na RCA Victor... Então nós resolvemos homenagear essa turma de compositores jovens que impulsionou a Música Popular Brasileira. Como eles sempre fizeram referência à minha pessoa, eu resolvi fazer um trabalho homenageando essa turma... Tem até um baão de Humberto Teixeira ("Puxa, eu vou voltar"), exaltando Capinan, Dori Caymy, Nelson Motta, Goza

galinha, Caetano, Gil e por aí agora... É um trabalho muito especial.

ALBERONI FILHO — O Caetano gravou Asa Branca. Eu quero saber se a interpretação que ele deu à música corresponde à intenção que você teve quando a fez, ou ele foge um pouco?

L. GONZAGA — Olha, Caetano não é Deus mas escreve por lihas tortas... é um mito. É um cara que tudo que faz, tem um cunho de muita perfeição. Ele deu uma interpretação dele, ali. Se ele não fizesse daquele jeito, ele não poderia simplificar mais a Asa Branca. Não

Caderneta de Poupança Terra

Venha conversar: o assunto é capital. Letras Imobiliárias—Caderneta de Poupança. **TERRA**—Cia. de Crédito Imobiliário. Papel—Dinheiro Forte com lucro certo

Segurança do Grupo Financeiro TAA—Garantia do BNH

Rua 13 de maio, 940—N
Teresina—Piauí



Caetano escreve por linhas tortas

é possível. Uma questão que só tem duas notas, como é que pode ser simplificada. O que você pode fazer com Assa Branca é revolucionária—lá. Ali é um campo imenso pros mestros, os arraçá duros vadiagem à vontade... agora simplificar mais não é possível, ela já nasceu daquele jeito. Então o Caetano com aquela gemedeira de contador, deu o que ele queria, foi aquilo que todo mundo viu, e teve o meu apelo, gostei imensamente.

MARCOS — Ainda sobre Assa Branca: ouviu-se um boato de que os Beatles gravariam. Como é que foi isso, tem fundamento?

L. GONZAGA — Aquilo tudo, foi uma ideia de Carlos Imperial. O Imperial tinha um programa no canal 13, naquele tempo, em que ele denunciava a semelhança da música de Gonzaga e Humberto Teixeira com a música dos Beatles. Ninguém dava ouvidos a isso. Al um dia ele dançou-se e chegou ao programa com esse novidade, ignorando o histórico Carlos Imperial. Eu já cansei de dizer. Eu vou ficar neste programa, disse de que a música dos Beatles é parecida, tem muito da música de Luiz Gonzaga... ninguém me deu ouvidos, ninguém me prestou atenção! Agora escutem esta: Os Beatles acabam de gravar Assa Branca de Gonzaga e Humberto Teixeira... "lá rapa", aí foi um deus-nos-ajuda: Luiz Gonzaga... onde está Luiz Gonzaga? Vem cá, grava aqui... Aí eu comecei a gostar daquele, comecei a dar entrevistas... comecei a falar difícil... gravei programas... e o Carlos Imperial se divertiu. Nos tempos como morar esse segredo em Guarapari, tem paz depois.

EDMAR — Lou, dos parcerias com os quais você trabalhou, qual é que você não gostou de trabalhar?

L. GONZAGA — Bom, eu gostei muito de trabalhar com Humberto Teixeira... adoro o Humberto até hoje. Mas o Ze Dantas chegou lá no Rio de Janeiro com aquele cheiro de sério, cheiro de bode, de pai de chinheiro porque pra quem não ama (como disse ele), castiga de bode é cheiro. Então tudo que o Ze Dantas fazia eu gostava. Mas o Humberto Teixeira era mais versátil... tanto ele descrevia bem o sério, como fazia a lata de asfalto e piparra. Mas o Ze Dantas era mais autêntico. Então eu fiquei muito bem com os dois. Ze Dantas foi embora cedo e Humberto ficou aí sem eu gravar com ele muito tempo, mas eu fui gravando agora outra vez.

ANTONIO NORONHA — Luiz, eu quero que você fale a respeito da diferença entre a primeira experiência com Humberto Teixeira e agora esse segundo episódio que foi um retorno ao original do balão com triângulo, esse negócio todo.

L. GONZAGA — Bom, eu acho que eu tenho um compromisso muito sério com o Nordeste. Eu não posso deixar de contar esse Nordeste que eu amo e que me deu tanto. Eu quero contar de bem com ele. Eu tive que fazer um trabalho diferente, o que é válido na vida do artista, mas daqui pra frente eu vou me fazer me agarrar com minhas raízes e das vezes com elas eu encorpada se for preciso. Tenho obrigação disso. Agora mesmo vou levando três músicas de Patativa e Assaré.

NORONHA — Você agora está vendendo mais no sul, não?

L. GONZAGA — Aparecendo e vendendo no sul. Mas o que eu quero é só dinheiro. E porque faz rebolito... mas o meu caso é outro, eu não é o entrar na área de... eu tenho a minha...

NORONHA — ... e a sua área está sendo bastante alargada... você tá contando com o apoio do Capim, G.1. Forqueto...

L. GONZAGA — ... e se você pagar esse meu último cheque, cá vê que ele já está mesclado. Ele tem Assa Branca de Humberto Teixeira, ele tem "3 x 4" (com tanto) Maria tá foi que me disse que eu num devo ficar aqui não tá morando nos tijolos Maria com aqueles lá da meu rjção/so de chegar teu batido tá lá três por quatro/sinto errocho no meu coração/e se a coisa apertar mas um pouco/sou capaz de voltar de avião/pra ver o meu sério/ver de novo as espigas de milho florindo o peido no ver a terra molhada de chuva/chorar em teu sangoto/dançando o balão". Então tem coisas como aquele aboto aquela va queitada.

NORONHA — Interessante, a vaqueada lá é a primeira vez que você fez uma gravação que...

L. GONZAGA — ... e ... e, eu tá tá sendo uma experiência lá pro Nordeste. Mas tem AQUILO BOM, que já é bastante sofisticado. Eu estou procurando mesclar um pouco pra ver onde é que eu fico... eu tá fazendo um cheque bastante sofisticado e puramente nordestino.

Minha senhora, é quem diz: Luiz você não é mais aquele de tocar em fôrro... você não é mais o Luiz Gonzaga tocador de fogueira de São João, de que filha... você tem possibilidades de fazer coisas diferentes... "E tudo com que eu caí na cara e fiz sair bom. Não vou só dizer que as coisas novas não são um bom trabalho. Não tem aquela pureza, aquela característica que eu sempre tive... mas eu mostrei que cantei "Vida Ruim", de Catulo de Brás, uma das falxas mais ricas daquele LP. Eu não vou ficar na de fôrro toda vida, tocam

Caderneta de Poupança Terra

Lucro certo Semrância do Grupo Financeiro T&I -
Garantia do BAN

Venha conversar: o assunto é capital. Letras
Imobiliária - Caderneta de Poupança Terra Cia.
de Crédito Imobiliários Papel-Dinheiro forte com

Rua 13 de maio, 240-N -
Teresina - PI.

Lena Rios é muito autêntica

do às 18.30, aqueles meninos dizem: (gritando) "Epa, capra vej ma cho..." Não... o forró é bom, mas eu também preciso dar uma de cantor im portante... me lasquei mas fiz.

NORONHA — E esse show que você fez agora com produção do Capinam, lá no Rio?

L. GONZAGA — Foi uma coisa espeta cular na minha vida. Agora o que aconte ce é que eu não ganhei dinheiro. E eu preciso de ganhar dinheiro. A crítica em cima elogiando o meu trabalho e eu não importando. Mas na hora de chamar a mulher e os mecânicos pra contar quan to ganhei não deu.

EDMAR — Como é que é um guitarrista que você deu uma chance pra ele no show? Vai pra frente ou não vai? O no mem é daqui.

L. GONZAGA — E, o Renato era o "Sa bíá triste" que eu chamava. Ele chegou lá muito feiçozado. Eu fiz uma torça danada pra botar ele ali. Ele ficou belis cando por lá e se arrumou mais ou me nos, mas não usou aquela torça de beira de rio Poty, Parnahyba. E muito moderni zado...

NORONHA — Ai é onde o sujeito nota que o nordeste tá sofrendo muito as raí zes, todo mundo fazendo música do sul. Eu estive em São Paulo e lá estabeleci um duelo com uns violeiros. Eles canta vam as músicas calotas deles e eu canta va as suas... a música sertanejo do nordeste. Então eu percebi que eles can tavam sempre músicas tristes. Falando em traição de mulher, esse negócio todo. Ai eles perguntavam se a gente só tinha essas coisas alegres... que eu explicasse isto. Então eu disse que é o próprio sofrimento do povo que faz com ele extravase com músicas alegres. Como é que você vê isso?

L. GONZAGA — Bom, minha vida quase toda foi de alegria. Eu fui buscar o forró no meio do povo. O xaxado, a dança do cabaceiro. A música do norte é muito mais rica de couro. Nós temos o etaba que, temos aqui no Piauí aquele tamborão o surdo. Nós temos o pandeiro que ron ca. Nós temos o berimbau. E lá no sul eles não têm o couro. São aquelas violi nhas blim, blim, blim, blim. Então o po vo dança porque nossa música vem lá do pé-de-berra... o fofo fungando a noi te lateira e a cabocada pulando. Tem ritmo, tem alegria. Então eu vim desse meio, porisso minha música é assim.

MARCOS — Luiz, existe na tua terra, Pernambuco, um conjunto que está ten tando criar um som completamente nor destino, com raízes bastante folclóricas.

Eles estão utilizando instrumentos total mente novos. Até a caixa de coco eles levaram e tão tirando som. E o "Quinté to Violado". Eles tão transando ciranda, pastorio, maracata... e vão gravar (ou já gravaram) pela Philips. Que é que você acha disso?

L. GONZAGA — (eu gostei foi desse no me de violado)... de início eu já vi que o negócio é formidável. Deve ter consu guido coisas maravilhosas. Há um intere se muito grande da juventude em desco brir novos sons... E só andar por aí que encontra. E só vim pra terreiro desses aqui em Teresina que encontra... tá cheio de cabeça de couro por aí. O ne gócio é pesquisar. Então isto feito por gente de cultura, por universitários... e muito fácil descobrir coisas boas.

ALBERONI FILHO — Será que a música nordestina é a que tem raízes mais popu lares mesmo?

L. GONZAGA — Eu acho que sim por que ela não foi copiar ninguém. Ela acon teceu por aqui mesmo, conforme eu já disse. Ela é que funciona mais. Lá pelo sul tem a influência de fronteiras, que é muito grande... a guarânia, essa coi sa toda. Não tem o sapateado, a coreo grafia... A nossa música tem muito mais vida.

— chegou uma garota e Luis Gonzaga interrompeu pra tirar uma casquinha: "Oja qui coisa ingrata... vem cá ou nequinha..." — voltou pro papo já com coisa diferente: eu quero dizer que ainda sou o mesmo Luiz filho do Januá rio. Eu quero dizer que gostei muito das palavras dessa garotinha daqui, a Lena Rios. Ela não veio pra cá com esnoba ção, não. Ela contou uma história au tência e no fim diz que cantou as mu nhas músicas e que continua cantando. Eu não a conheço, mas pelo que ela dis se ali eu fiquei gostando dela. O que eu puder fazer por ela eu feço. (Palmás) — Gonzaga refere-se a uma entrevista publicada por este jornal com a can to ra Lena Rios. Pouco depois a conheceu na Churrascaria Avenida.

ALBERONI — E o Gonzaguinha, tem mesmo disposição para a música?

L. GONZAGA — Ele é um cara que não tem pressa. Sabe que chega lá um dia. Já fez um compacto e agora vai sair com um elepê. Eu gravei uma música de le agora, "From United States of Piauí:" (cantando) "... a minha prima lá no Piauí/deixou de fazer renda/só pra ver novela..."

JARI MOSIL — O que você acha da si tuação do compositor em face da evolu ção da Música Popular Brasileira?

L. GONZAGA — A situação do compo

sitor brasileiro é lamentável. Houve um choque muito grande entre a safra nova e os tradicionais compositores.

EDMAR — Você não acha que o Hum

berto Teixeira foi injustiçado? Só se lá in em Luiz Gonzaga, Luiz Gonzaga...

L. GONZAGA — Acontece é que eu fiz quel sem gravar com o Humberto Teixei ra 16 anos. Foi trabalhar com o Zé Dan tas, nossa sociedade. Agora nós já esta mos trabalhando junto outra vez e ele é o nosso líder. E esse negócio de omitir nomes, é muito comum entre nós. So se fala em Roberto Carlos... e o Eras mo?

JARI — Eu vou dar uma de Haroldo de Andrade: Luiz, na realidade qual é a música da sua vida?

L. GONZAGA — Luiz respeita Janua rio...

ALBERONI — Madalido um pouco; eu ouvi dizer que você foi soldado aqui em Teresina, fala sobre isso.

L. GONZAGA — É... em 1930 eu servia no 23 BC e fui enviado ao Piauí pra se focar um movimento do Cabo Arador... Eu já fiz até revolução por aqui... nun ca fiz foi dar um tiro.

ALBERONI —... e Lampião?

L. GONZAGA — Lampião era irio, co verde, assassino, sanguário... esse ne gócio de querer criar uma nova imagem de Lampião não dá pé. Homem mesmo era Antônio Silvino... justiceiro, hones to, valente... eu admiro Antônio Silvi no.

MARCOS — Se Lampião era tudo aqui lo e Antônio Silvino tudo isso, porque você já cantou Lampião e não cantou Antônio Silvino?

L. GONZAGA — E... você tem razão. Já que Silvino é meu ídolo eu devia ter cantado a vida dele... mas o nego cio é que Lampião é comércio... Lam pião vende. O cinema também sabe de tudo isso e só fala em Lampião.

JARI — O que você acha da força de penetração da juventude brasileira aqui?

L. GONZAGA — É uma coisa linda, e uma beleza. De primeiro o filho só sa bia acompanhar o pai aos comícios... me conforta muito ver essas coisas.

MARCOS —... e você diz isso mas tirou um sapo na cabeça da gente com aquele negócio de cateado tem vez não...

L. GONZAGA —... é, mas vocês tam bém tavam tirando na minha, né?

Agradecemos a preséncia do Dr. Alfredo Nunes e de D. Cicera Viei ra Batista (esposa do Sr. Cândido Viei ra), que muito colaboraram para o êxi to desta entrevista.

Caderneta de Poupança Terra

Venha conversar: o assunto é capital. Letras Imobiliárias — Caderneta de Poupança, Terra-Cia, de Crédito Imobiliário Papel-dinheiro Forte com

lucro certo Segurança do Grupo Financeiro TAA — Garantia do BNN

— Rua 13 de maio, 240-N — Teresina — Pi.

Uma nova Escola de Literatura

F. Rodrigues

Num conto, ainda inédito, criamos uma personagem interessante, que infelizmente, ficou tanta.

Poeta, cultivou todas as tendências e correntes modernistas, tais como: Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo, Cubismo, Imagismo, Vorticism, Verismo, Ultrarrealismo, Criacionismo, Expressionismo, Concretismo e outros "ismos". Finalmente, achando que tudo isto "entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato", resolveu criar uma nova escola literária — e assim, depois de exaustivas elucubrações e de extremos vãos metafísicos, nasceu o INRETREMA RELHISMO, cujo nome representa uma síntese da expressão: "o mar amarelo não volta", acrescido do sufixo "ismo", que significa sistema. Não sei dizer, entretanto, se esse mar já veio.

Mes deixemos que ele mesmo, o poeta Agatodoro Galicano (até o nome do homem é fora de... seriedade) apresente sua Escola.

— Aos prezados leitores (talvez ainda não meus seguidores e paxa-sacos) escutaço, de saída; que acho impraticável fazer, num mísero espaço de jornal, a apresentação do INRETREMARELHISMO, cujo embasamento teórico envolve profundos conceitos no campo da Psicologia, Meta-Ética, Gnosiologia, Estética, Parapsicologia, Ontologia e Antropologia Filosófica.

Para que todos tenham uma ideia da dificuldade disso, basta dizer que o manifesto da Escola tem 2 222 páginas. E que estou escrevendo o livro: "Pequeno Resumo de Estética Inretremarelhista", contendo 777 páginas (só o primeiro volume. A obra é dividida em três tomos).

Deixarei, pois, de lado os alicerces filosóficos em que se baseiam os princípios norteadores da Escola, para cingir-se somente aos seus aspectos mais singulares e expressivos.

O Inretremarelhismo poderá ter vida longa ou efêmera; no dia em que houver entre nós apreço à cultura não cessará a razão de sua existência, porque foi o descaço pela leitura, aqui existente, que me animou a fundar este Movimento.

O novo processo tem por fim despertar o povo para a cultura. De que modo o Inretremarelhismo conseguirá isto? Muito simples. Escrevo um texto em prosa ou verso, constituído de termos desconhecidos do léxico de todas as línguas (qualquer se melhança com palavras dicionarizadas é mero coincidência), e, de permo, coloco alguns termos que levam a pensar; Solidarismo, por exemplo. Ora, o leitor logo reconhece que esta palavra é portuguesa e fica intrigado por que motivo ela apa-

rece no meio de tantas outras estrangeiras. Nota, por consequente, que esta palavra deve ser muito importante. Não sabendo o significado (de solidarismo) sua curiosidade aguçada vai pesquisar o assunto. E assim vai tomando consciência de nosso tempo.

Destarte, ajudo a "mobilizar" aqueles que só têm como fonte de instrução Flávio Cavalcante, Capricho, novelas e quejandos.

Em suma, o objetivo essencial do Movimento Inretremarelhista é levar o povo a ler, estudar e pensar (há muita gente aí com o raciocínio enferrujado). Também pudera (água parada corrompe-se).

Um povo, que lê e raciocina não com pra "gato por lebre".

Para que todos tenham uma ideia mais cor de garça e respeito da nova estética, eis um dos meus mais expressivos poemas. Trata-se de poema composto de sete quartetos, de versos decassílabos ou retóicos, com rimas alternadas.

QUARAPUACUM XIBOLETE

Godol CIBERNÉTICA brogoletio
ciaxine claque zoro capiter
provilhana prencã der hjaacna grotio
agor giu raplende coreró tel

Roblixindete caa filiflu ruru
COMUNICAÇÃO val zonopática
budufugulumaNapassaffra
filosológica telé pantática

Jolican DESENVOLVIMENTO arao
caurrel estratofefe quocó
ploxanef lusse metore diochão
garachba lilhaa cracracar cen glu

Flissute estrifole nba tor distase
ericrista ECUMENISMO xicall
bambança salaque gron zopar ade
negota lilhaa cracracar cen glu

Leto pocar SOLIDARISMO gao
eógica checrute opiente ape
pepeio ploxiante matofa rao
or Jupiasa xipjquim teve

Am xibolete xril ESTRUTURA
REFORMAS MUDANCAS bô rurpuru
cabro dogão dabra sanbra gara
ajracadabra tropopol uchu

Brabrym debarroto escarrablefético
oxezapô crovol sólnost áustico
SEKO zoquidem esciafobético

Vamos civilizar esta cidade

Teresina realmente está ficando um sarro, maravilhosa, mas ainda precisa civilizar este povo. Sim, é este o termo mesmo.

Quarta-feira, fui com Wagner (um colega) pela manhã, ao Colégio Estadual H. Ildino Nunes. Foi aquela pichação, nos jogaram até chuva de laranja.

A maioria desses rapizinhos, deixam o cabelo crescer, só pra dizer que andam na onda, pra ficarem bonitinhos, mas na cuca, só têm água.

Todo mundo ainda está ligado em The Feters, Jerry Adriani, Wanderlei, Romie Von e outros cantores que têm esse mesmo gênero de música (vagabundo, por sinal). Só as empregadas de cozinha é o saco para ouvir as músicas desses caras, assim mesmo porque são humildes e não tem oportunidades de ouvir outras músicas. As rádios daqui só tocam essas. Será que não tem discos que prestem, ou é porque querem de mostrar as suas qualidades de verdadeiros paulistas?

Já é tempo de mudar, turma. O negócio é partir pra outra. Ainda tem muita gente com aquela de vô vô. Por cima de tudo, ainda aparecem uns retrógados e dizem que ca-be o grande desmasculina o homem.

Será que Teresina não precisa ser civilizada?

Rubem, o Gordo

Gente e arte

Joias Clarence Cavieiro da Silva

Exposição

— Francisco Ribeiro está exposto na **HOLANDA ARTE E INTERIOR**. Bom trabalho individual retratando aspectos cotidianos de Salvador e da capital maranhense. Duas telas são particularmente boas: **BEÇO DA SAUDADE E SOLAR DO POETA**.

Francisco Ribeiro brevemente fará um curso de pintura em Salvador, Bahia. Visitem a mostra desse primitivo IABU logo em **HOLANDA ARTE**.

OS CALIXTOS LOBO RECEBERAM

— Uma das mais elegantes e bonitas recepções oferecidas pelo **GRANF CLUB** aconteceu na acolhedora residência do simpático casal deputado **JOÃO — JEANNETTE LOBO**.

Falaremos dessa espetacular e maravilhosa tarde em reportagem exclusiva.

na revista **DETALHES**. Aguardem.

DANIELLA E UM AMOR

Dote quilos de graça, cinco meses de noiva, uma impulsividade, uma vivacidade de dizer, chega... Eis **DANIELLA**, a primogenita do distinto casal **Ronaldo—Wilma Moreira e Oliveira**, nossos velhos amigos.

O encanto da garota, a sua simpatia e beleza fazem de **DANIELLA**, o amor de seus pais e amigos, Felicitades.

RECITAL DE POESIA NEGRA E DANÇAS

A Secretaria de Educação e Cultura,

através do Departamento Estadual de Cultura vem de promover no próximo dia 23 do corrente, em local ainda não determinado, um **RECITAL DE POESIA NEGRA E DANÇAS**, com os declamadores e coreógrafos colombianos, de fama internacional **HENRY TAFUR e OSMAR**.

Henry Tafur e seu amigo Osmar acabam de regressar da Espanha onde conseguiram êxito absoluto em Sevilha, Barcelona, Cádiz e Madrid. Henry que já percorreu quase toda a América nos tournês pelas capitais dos Estados brasileiros difundindo uma arte tão bonita e difícil. Um show de poesia, humor, danças e belas canções.

Os ingressos para o referido recital começaram a ser vendidos ainda esta semana.

Arnaldo da Costa Albuquerque

Premiado no 1º SALÃO DE PINTURA DO MUSEU DE ARTE DO PIAUÍ, 1969, **ARNALDO**, naquela época foi o pintor revelação. Possuidor de uma técnica originalíssima, Arnaldo é meio surrealista e humano.

A figura do homem ou da mulher estão sempre em suas telas de cores estimulantes.

Arnaldo, é simples, talentoso, amigo. Tem um conceito bastante pessoal nas coisas que o cercam. Com relação a arte ele nos diz:

1 — COMO VOCÊ VE O PINTOR NO PIAUÍ?

RESP: Dentro em pouco, o pintor piauense será uma figura importante do desenvolvimento artístico-cultural, pois já está havendo melhoria e desassado interesse. Esse progresso artístico, deve-se ao fato do estabelecimento de pessoas de fora, da necessidade de decoração interior e do colecionador adventício também. Tudo isso é muito animador.

2 — EXISTE OU EXISTEM ENTRE NÓS, INSTITUIÇÕES DESTINADAS A INCENTIVAR, DIFUNDIR PINTURA?

RESP: Se existe eu desconheço, o Departamento Estadual de Cultura, eu não sei nem como funciona. Quem defende e incentiva pintura no Piauí é o Sr. e como o amigo faz questão de simbolizar a **FUNDAÇÃO EDUCACIONAL CARNEIRO DA SILVA**, que seja ela. Da pena a gente vê o seu esforço em procurar difundir artes plásticas e às vezes são de sem compreensão nem aceito.

3 — SUA TENDENCIA OU VOCAÇÃO PELA PINTURA E TALHA É NATA OU FOI PROVOCADA POR INFLUENCIAS?

RESP: Foi instintiva. As potencialidades vão se desenvolvendo se orientando para determinado rumo. Tudo vem de dentro. Ninguém sabe como, mas acontece. De repente, aquele desejo se avoluma e quando do menos se espera a gente vai pintando, está produzindo, trabalhando, com prazer.

4 — QUAIS DOS PINTORES NOVOS DO PIAUÍ VOCÊ ENCONTRA TALENTO?

RESP: O **DAVID AGUIAR** é excelente, com uma criatividade enorme. O **JOSÉ FA SILVA** é um cara que sabe das coisas. Pinta e entalha com sensibilidade e beleza. Temos o **FATIMA** e a **KATIA**, duas que já posto dos seus desenhos, incomparáveis.

5 — O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO ATUALMENTE?

RESP: No momento presente estou fazendo uma coleção de coisas e botando outras. Talhas, pinturas, xilogravuras e estou tentando gravar em metal. Coisa boa também com a boa turma do **GRAMA** (Noronha, Galvão, Edmar, Torquato) no cinema e no jornal **GRAMA**, que está nas bancas qualquer dia desses.



SER OTA

Ser ota é nada mais, nada menos que ser otário.

Diz-se ota, na gíria, para resumir a palavra.

Citarei algumas gafes que os otas cometem, geralmente sem perceberem, e, quando percebem, ficam vermelhos de raiva.

O ota não é idiota. Pelo contrário, é um cara "vivo", com um supérfluo detalhe: quando dá um fora é mesmo de fascar. Se você nasceu em sua vida de uma de ota, meus parabéns. Mas se você não tiver certeza, se não é um ota ou pelo menos não passou por ota em algum lugar, em certas ocasiões, direi o que o ota faz com satisfação, para logo em seguida faltar morrer do coração (rimou, o).

Ser ota é o cara chorar a morte de uma tia que mora no interior (sendo um sentimentalista. Se for um sócio vai tará foguetes e gargalhadas), dada a notícia da morte por uma pessoa qualquer que veio do lugar em que a "colhada" (ou "desgraçada" morava, e que gosta de soltar umas mentirinhas pra variar a monotonia do campo, onde não pode mentir, por ser uma "pessoa decente" — quando chega na cidade. Depois que o sujeito chora (ou solta foguetes) duas semanas consecutivas, recebe

uma carta da tia "morta", mandando dizer que está em perfeito estado de saúde.

Isso é ser um ota páca.

Ser ota é comprar o disco de um cantor (e só pelo motivo do mesmo ter sido elogiado pelo programa Flávio Cavalcanti), ouvir apenas uma música no momento de comprá-lo, e quando chegar em casa e rodar as músicas não ouvidas na loja de discos, perceber que a única ouvível, era a que o vendedor da loja tinha rodado.

Também é coisa de ota você dar boa noite a todos os vizinhos da rua em que mora, quando estão sentados na calçada, à noite. Você devia era passar caia dinho, sem dar um pio, pois ao dar "Boa Noite", desperta e estimula o ânimo falatório, na vizinhança — o resto do dia seu nome ficará em roda como principal peça da "máquina de fuxicos". — Sabe lá você que mil diabos dirão a seu respeito durante todo aquele passatempo "tagalerético"?

Fazer isto é ser ota.

Ser ota também, é pegar o ônibus pra Piçarra num momento de pressa, sem olhar com lucidez para o letreiro escrito acima do para-brisa e terminar na parada de ônibus do Poty Velho.

Isso sim, é coisa de ota.

Ser ota é levar uma pequena para uma buate, e depois de ter gasto uma nota com bebidas e golosimas (com ela e suas amigas) ficar bêbado e deixar que um cabeludo a acompanhe até em sua (de la) casa, enquanto o garçon fica a lidar "alka-seltzer" e explorá-lo na despesa.

Ser ota é marcar um jogo na loteria esportiva e não jogá-lo oficialmente, para depois fazer os 13 pontos e ao invés de receber o bônus, ir parar num hospício.

Ser ota é entrar no cinema pensando que vai ver aquela lita sensacional, sem no entanto olhar os cartazes, pois "já os tinha visto no dia anterior", e ao sentar-se na cadeira — com uma excitação causada pela expectativa — ver angustiado na tela o título do filme em letras pretas e brancas: "Tarrá, o bicho das seivas".

Isto acontecendo com você, pode crer: é um ota a extremo.

E para finalizar, ota é o sujeito que faz um troço, com plena consciência, e depois de tê-lo feito, o arrependimento é tão grande que termina suicidando-se.

Caro amigo, se você conseguiu ler estas linhas até o fim, pode se considerar um um perfeito ota.

VENCESLAU SANTOS



Mini-entrevista

Prof. Camilo Filho:

--Temos a vencer: o tradicionalismo, o professor sem tempo integral, o estudante não profissional e a carência de bibliotecas

— Professor Camilo, o Sr. está plenamente de acordo com todas as medidas adotadas na Reforma Universitária?

R Temos tido várias reformas de castro neste país. A reforma universitária iniciada em 1957 tem encontrado barreiras difíceis. Professores e até alunos, o que não compreendo, e ela se opõem, em algumas áreas. Creio que só a reforma universitária pode dar à Universidade brasileira um sentido de relacionamento com as exigências da sociedade brasileira, no seu atual estágio.

— Com a implantação da Universidade o Sr. acha que as escolas superiores no Piauí melhorarão seu nível de ensino?

R Certamente. Em todas as unidades há evidências de melhora. Há muita coisa para vencer. A rotina, o tradicionalismo, o professor sem tempo integral, o estudante não profissional e a carência de bibliotecas, tudo tem obstáculo a obtenção de melhores níveis.

O processo, porém, está deflagrado e só podemos esperar níveis que tendem, cada vez mais, ao aperfeiçoamento.

— Como o Sr. vê a nossa Universidade, depois de um ano de instalada?

R Implantou-se na nossa Universidade o clima de trabalho ativo. O Vestibular unificado, o Ciclo Geral de Estudos, Departamentos de Educação, de Ciências da Natureza, Comissão de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva, os estudos para criação dos Centros de Ciências da Saúde e Ciências da Natureza, os estudos para adoção de departamento, criação do Instituto, os sistemas de bolsas de trabalho, a reestruturação administrativa e a construção do Campus, são fatos que evidenciam o clima de trabalho que aqui se implantou. Há muito ainda por fazer e o desafio aos que aceitamos com espírito de luta.

— Como a Reitoria explica a redução de 40 vagas na Faculdade de Direito?

R Não houve, propriamente, redução de 40 vagas na FALD. É que o mercado para bacharéis de direito, entre nós, está meio saturado. O Magnífico Reitor recebeu solicitações de mais de 30 alunos, pedindo um curso como o de Técnico para o Desenvolvimento. Várias disciplinas do Curso de

Direito integrarão o novo currículo. Será uma nova atividade, uma profissão com mercado de trabalho garantido. No vestibular 40 candidatos, agora os 40 de Direito, lograram aprovação e já estão matriculados no 1º Ciclo Geral de Estudos.

— Como o Sr. se sente com o acúmulo de cargos?

R — O trabalho foi uma herança que recebi do meu pai. Desde 1948 trabalho em três expedientes. Quando me chamaram para trabalhar na Reitoria, não hesitei. Todos temos que participar. Não fujo, jamais, ao combate principalmente quando, na tarefa, há perspectivas de servir.

— Quanto ao caso do estudante Alfredo Cadena Neto, que pode dizer?

R — O Dr. Juiz dos Feitos da Fazenda, julgado mandado de Segurança impetrado pelo jovem Cadena, denegou o pedido. A Justiça entendeu que o pedido não tinha amparo em lei. Houve recurso, que depende da decisão do Egregio Tribunal de Justiça. Entendo que a pretensão do estudante Cadena não tem suporte legal. O coeficiente de dispersão, fator de desempate, fulminou o pedido.

Notícias

DIPLOMAS

1 — A partir do próximo dia 15 a DAEC (Diretoria de Assuntos Educacionais) realizará a expedição e Registro de Diplomas.

COMISSÃO

2 — Por ato do Magnífico Reitor foi designada a Comissão composta pelos professores José Camilo da Silva Filho, Cristina Oliveira e Souza Henrique Gonçalves para apre-

ciarem os currículos para seleção e classificação no concurso de Bibliotecária.

COPEVE

3 — Voltou a reunir-se dia 05 de junho último a COPEVE (Comissão Permanente de Vestibular), agora sob a presidência do professor Francisco Machado Lopes, ocasião em que foi iniciada a programação relativa ao Concurso Vestibular 1973.

REITOR

4 — O Reitor Hélio Ulhôa Saraiva e o Dr. José Roberto Resende ainda se encontram em Brasília, discutindo junto ao MEC o orçamento da Universidade para o ano de 1973.

MATRICULAS

5 — De 20 a 26 de julho próximo, estarão abertas as matrículas para o 2º período letivo de 1973.

ZUM ZUM

XÁ DO IRÃ

EDUCAÇÃO:

— Professor NOE MENDES DE OLIVEIRA segredou para alguém, que é mais fácil fazer AGRI, que CULTURA, no Piauí. E que este ano na Semana do Fui — qsj — lore só apresentará "bois", nada de "vacas" ou quadrilhas.

— E que declarações mais sérias a das professores Moacir Madeira Campos e Francisco Figueiredo sobre cabelos.

Para Moacir macho é macho e não cacheado. Para o Figueiredo macho pode ser misturado. Afinal é um luxo ter cabelos longos. A Nicinha ao ler a reportagem comentou: Por que o Figueiredo não faz como Gibaum, do Programa Flávio Cavalcanti? Careca só pelo e cabelo de lados. A moda tem as suas com pensações...

— Professora Lourdinha Brandão de

ve sugerir ao magnífico HELCIO, aulas de 8 (oito) horas, é claro que com intervalos para músicas e lanches. Nosso clima, o ambiente físico das nossas escolas são propiciíssimos a sugestões dessa natureza.

LITERATURA:

— Apesar de parentes próximos, se gando o confrade e genealogista Josias Clarence, Francisco Miguel de Moura e J. Miguel de Matos ainda não conseguiram manter nem Linguagem nem Comunicação entre si. O problema, na opinião do poeta Oliveira Neto, pode ser solucionado através do Dr. João Ribeiro, do Projeto Piauí.

— A. Tjito Filho descobriu que os PES-DE-LARANJAS-LIMA têm raios nos RIOS SUBTERRANEOS e que

ambos não estão fora da literatura. Acontece com explica o intelectual Julio Martins Vieira, que a nossa literatura ainda não teve começo realmente, mas os fosséis dela poderão ser encontrados aqui mesmo. E se solicitar ao his toriador Gelson Nunes para fazer uma busca na DILERTEC com o Pompino dos Santos ou em Amaranite com o Da Costa e Silva. E bom lerar.

E Já que o tema é literatura o Pedro Celestino espírito encarnado de Frasco tinha tanto amigos nos círculos Machado De Assis comenta: Anatólia intelectuais da FRANÇA quanto O. G. Régio de Carvalho, no Piauí. Lá ANATOLE vivia só. Aqui O. G. Régio vive cercado de admiradores como: Da Costa e Silva, Alvaro Fepreira e... Chico Miguel de Moura.

MILLOR FERNANDES diz: Gentileza da autoridade carjoca na zona sul é cadela com vista para o mar... e ainda se fala do atrazo no Piauí. Em Terrestres os detentos têm estado defronte, odontologia de lado, rio de fuga um pouco além e a liberdade de sair e regressar a hora que bem entender. Um método penitenciário avançadíssimo.

— Não negamos do processo pedagógico e que quase ninguém retorna às grades depois de ganhar a rua. Mas os psicólogos asseguram a infalibilidade desse método educativo: Algum dia esses marginais se aperceberão que a fome do mundo é tão profunda e tão grande, lá fora, que eles preferirão o feijão com arroz e mocotó regado a suor de capangas penitenciárias e refofado. Será nos fins dos tempos, não resta a menor dúvida...

MORAL: Mais vale uma esperança tarda que um desengano cedo.

TEATRO

B. de Sá fez uma bela entrevista com SÂNIANA E SILVA versando sobre Teatro não poderia deixar de ser.

SÂNIANA E SILVA declarou fazer teatro há 17 anos. Tarciso Prado amigossimo de Sântana diz só se lembrar de ser o desistente ninguém sabe, ninguém assistiu.

VIGILÂNCIA NOTURNA

O dinâmico Major Joel Ribeiro, diz,íssimo Prefeito Municipal de Teresina, com seu excelente grupo de assessores ~~estuda~~ seriamente a possibilidade de organizar uma VIGILÂNCIA NOTURNA PERMANENTE, nas praças MARECHAL DEODORO e RIO BRANCO.

Tem por objetivo essa Polícia Noturna manter a disciplina e o elevado padrão de moralidade requeridos nesses logradouros públicos.

A guarda fará realização de três em três dias e os trabalhos da refofada tem início às 19 e término às 23 horas.

Diversos cavaleiros teresinenses serão convidados a participar dessa vigilância noturna dentre os quais faremos destaque: Artur Oliveira, Gabriel Soares Cordeiro, Prof. Chagas Marques, Cleo Carralho de Araújo, Moura, Prof. Barreto, Benú Ribeiro Gonçalves e outros.



Esse aí em cima é o Guanamby Social (Manoel Moura), de Picos, que recentemente gravou um compacto duplo pra etiqueta Caranguejo, «Meu Adeus das Saudades», valsa, «Tentando Esquecer», tango, «Mais uma Canção», lã, lã, lã (todas de autoria do intérprete) e «Arrependida», bolero de J. Soares e R. Fernandes compõem o disco. Não me compete julgar a qualidade das músicas To L

Claudio é quem transa essas coisas). Entretanto Guanamby não se firmou num estilo, fazendo ao mesmo tempo gêneros bastante diferentes. É dono de uma voz harmoniosa e tem um fio melódico muito bom. Eu conheci há 2 anos num dos bares da capital e pressenti que, se ele quisesse, chegaria lá. E chegou

(MARCOS IGREJA)

Em um número passado publicamos uma carta do Leonardo Neto que a gente quase não entendeu mas gostou. Agora ele ataca com outro convidando a patota prum banho em Alto Longá. O Leonardo parece que é um cara que cuita legal!

O negócio é que ele não apareceu só na de cartas. Bicho, tá as caras!

PS — Este número já tava cheio quando a gente recebeu a que tu escreveu. Mas no próximo a gente publica. (A PATOTA)